

Educação Híbrida: Conceitos, Reflexões e Possibilidades do Ensino Personalizado

Mariana da Silva Neta¹, Adriana Carvalho Capuchinho²

¹Secretaria Est. de Educação do Tocantins / Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Porto Nacional TO – Brasil

²Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal do Tocantins
(UFT/CPN)

marianasneta@gmail.com, driowlet@mail.uft.edu.br

Abstract. *Digital information and communication technologies (TDICs) favor innovation in teaching practices and allow the development of student's new skills. We propose to analyze and discuss the different modalities of blended learning as a promising trend in education and to observe the challenges and possibilities of learning personalization through an integrated approach of digital technologies in the classroom and to demonstrate the relevance of this approach to meaningful learning. In blended learning, it is necessary to review the roles of those involved in the educational process, since both teacher and student begin to play new roles in the construction of knowledge.*

Resumo. *As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) favorecem a inovação de práticas docentes e oportunizam o desenvolvimento de novas habilidades dos alunos. Propomos analisar e discutir as diferentes modalidades de ensino híbrido como uma tendência promissora e refletimos sobre os desafios e possibilidades da personalização do ensino por meio de uma abordagem integrada das tecnologias digitais em sala de aula, bem como demonstrar a relevância dessa abordagem para a aprendizagem significativa do educando. Nessa abordagem, faz-se necessário rever os papéis dos envolvidos no processo educacional, pois tanto o professor quanto o aluno passam a desempenhar novos papéis na construção de conhecimento.*

1. Introdução

Um dos grandes desafios da educação contemporânea é atender aos anseios dos estudantes que chegam às escolas que, frequentemente ainda trabalham com o modo transmissivo de conhecimento, totalmente tradicional e centrado na figura do professor.

Alguns educadores até utilizam as tecnologias digitais durante o planejamento, mas ainda precisamos percorrer um longo caminho para atingirmos o patamar de outros países. Com tantos avanços e recursos tecnológicos disponíveis, deveríamos estar no momento da incorporação total das novas tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem, entretanto, precisa-se investir no aprimoramento dos profissionais para atender às novas demandas educacionais.

Quando o assunto é o ensino apoiado pelo uso das tecnologias digitais, percebe-se que novos horizontes se abrem com o surgimento de algo que veio para derrubar paradigmas e nos colocar próximos a experiências em outros países; como a Escola

Pública Burnett Elementary, na Califórnia, Estados Unidos, que tenta aproximar os conceitos teóricos com a vida cotidiana dos alunos por meio do ensino híbrido, ou ainda, a escola pública Summit San Jose, reconhecida nacionalmente nos EUA, por implementar o ensino híbrido com sucesso e adquirir bons resultados. Nesse contexto, visando instituir condições de aprendizagem em que o aluno seja ativo e também responsável pelo seu próprio aprendizado a fim de superar as dificuldades, ampliar o crescimento pessoal e a capacidade produtiva, surge a educação híbrida, que possibilita um ensino personalizado, mesclando parte presencial e outra online, com outras metodologias e um jeito novo de ensino, tendo o professor como mediador e orientador dos estudos.

Partindo desta pesquisa, pretende-se, por meio deste artigo levantar contribuições das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) para a educação; analisar e discutir as diferentes modalidades de ensino híbrido, refletir sobre os desafios e possibilidades da personalização do ensino por meio de uma abordagem integrada das tecnologias digitais em sala de aula e demonstrar a importância do Ensino Híbrido para a aprendizagem significativa do educando.

Inicialmente, refletiremos sobre as contribuições das tecnologias digitais da informação e comunicação para a educação. A partir dessas considerações, discutiremos sobre as modalidades do ensino híbrido: rotação por estações, laboratório rotacional e sala de aula invertida e finalizamos com as reflexões sobre os desafios e possibilidades da personalização do ensino, demonstrando a importância do Ensino Híbrido para a aprendizagem significativa do educando e destacamos a relevância do enfrentamento das dificuldades para que possamos proporcionar uma educação de qualidade, com propostas para otimizar o desenvolvimento do aluno.

2. Contribuições das tecnologias digitais da informação e comunicação para a educação

O processo educacional brasileiro ainda permanece com algumas características do século passado: estrutura, organização e práticas, pois não é tão fácil incorporar inovações nas instituições de ensino, sejam elas tecnológicas ou de outro teor. Com tantas mudanças sociais e avanços tecnológicos, ainda temos dificuldade em inserir as novas tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino, a fim de transformar as características do ensino tradicional: fragmentação do conhecimento em disciplinas, classificação dos estudantes por faixa etária, divisão do tempo escolar em horas/aula, bem como a visão de alguns professores acerca do que seja ensinar e aprender.

Dialogar sobre tecnologia e educação torna-se complexo se desconsiderarmos o processo de aprendizagem, pois, mesmo com todo o seu potencial e sendo um instrumento significativo para favorecer a aprendizagem dos alunos, a tecnologia, por si só, não solucionará as deficiências da educação brasileira, que necessita refletir sobre os elementos desse processo, como o papel do aluno e do professor, o uso das tecnologias digitais e até mesmo os objetivos de aprendizagem, bem como os conceitos e modos de aprender.

Entretanto, isso não pode nos impedir de buscarmos novos métodos de ensino, muito menos de enfrentarmos os grandes desafios, principalmente quando se trata de

potencializar o letramento digital. Mas,

a questão não é introduzir na escola as várias mídias, as linguagens e os textos que emergem do digital. É preciso, acima de tudo, criar condições para formas de leitura plurais e para concepções de ensino e aprendizagem que considerem o aprendiz como protagonista, a fim de diminuir a distância entre as leituras e as práticas que se desenvolvem fora da escola e aquelas que são privilegiadas por ela. [Barreto, 2011, p. 67].

Percebemos que a inserção das tecnologias e dispositivos digitais no processo educacional é um fenômeno em crescimento de aceitação por muitos educadores, por ampliar o acesso à educação de qualidade, mas convém destacar que precisamos conhecer a real capacidade que as tecnologias digitais favorecem a educação a fim de poder usufruir todo o seu potencial.

Dentre as possibilidades de contribuição das TDICs - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para a educação, destacam-se a expansão das possibilidades de pesquisa, discussão coletiva, produção colaborativa, criada em parceria entre os membros, pois se dá por meio da interação e criação de novas perspectivas, pois,

as tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa online, de trazer materiais importantes e atualizados para o grupo, de comunicar-nos com outros professores, alunos e pessoas interessantes, de ser coautores, “remixadores” de conteúdos e de difundir nossos projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio. [Moran, 2015, p.19]

Esse pensamento de Moran (2015) sintetiza algumas contribuições possíveis das tecnologias digitais para a educação, mas destacamos principalmente o fato de o aluno poder assumir o papel de aprendiz proativo e participante, sujeito de suas ações e protagonista do seu aprendizado. Porém, ele não estará sozinho neste processo, pois o professor será o mediador e orientador; para tanto, faz-se necessário uma mudança de entendimento e até de atitude pelos envolvidos neste processo, pois há momentos em que o aluno trabalhará individualmente, outros em grupos, mas o principal é que todos estejam dispostos a colaborar com sua aprendizagem.

As tecnologias digitais possibilitam configurar espaços de aprendizagem, nos quais o conhecimento é construído conjuntamente, porque permitem interatividade. Não há como pensar em educação sem troca, sem co-criação. Na busca do modelo pedagógico específico da educação online, interatividade surge como aspecto central. [Silva e Claro 2007, p. 84]

O trabalho colaborativo é parte fundamental com a utilização das tecnologias digitais, pois, conforme Silva e Claro (2007) afirmam acima, educação é sinônimo de troca, de interatividade e deve possibilitar a construção do conhecimento com a participação efetiva de todos os envolvidos neste processo, mas tendo o aluno como protagonista do seu aprendizado. Portanto,

as metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. [Moran 2015, p. 17]

Desta forma, o professor precisa ter um bom planejamento, com objetivos bem claros, metodologias diferenciadas e que possibilitem a evolução dos

alunos por meio de técnicas escolhidas segundo o que se espera que eles aprendam e desenvolvam. Para tanto, percebemos a necessidade de oportunizar aos alunos técnicas que promovam a pesquisa, o diálogo, o debate, incentivem a produção do conhecimento, o trabalho em equipe, a participação e a interação entre eles.

3. Ensino Híbrido: conceitos e modalidades

Avanços tecnológicos, mudanças no perfil dos estudantes e busca por novas possibilidades de ensino direcionam a novos métodos de instrução. Desse modo, o ensino híbrido torna-se uma grande tendência por respeitar as necessidades dos alunos e oportunizar formatos personalizados de ensino ou, “ensino sob medida” a fim de atender às necessidades individuais dos alunos. O termo ensino híbrido ainda é relativamente novo e pouco utilizado em virtude da carência de discussão pelos renomados autores da pedagogia brasileira.

Com o surgimento de novos cenários educacionais, alunos com novos perfis e modos de aprendizado, tecnologias digitais disponíveis para contribuir com novas metodologias, precisamos apreender uma nova forma de ensino, que estabeleça novas formas de aprender e ensinar.

Híbrido significa misturado, mesclado, *blended*. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado, e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos “pratos”, com sabores muito diferentes. [Moran e Bacich 2015, p. 22].

Por sua vez, Christensen, Horn e Staker (2013) definem ensino híbrido como “[...] um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino *online*. O estudante tem algum controle sobre pelo menos um dos seguintes elementos: tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo.”

Mas, quais os parâmetros para se afirmar que uma educação é híbrida?

A educação é Híbrida também porque acontece no contexto de uma sociedade imperfeita, contraditória em suas políticas e em seus modelos, entre os ideais afirmados e as práticas efetuadas; muitas das competências socioemocionais e valores apregoados não são coerentes com o comportamento cotidiano de uma parte dos gestores, docentes, alunos e famílias. [Moran 2015. p. 26].

Segundo Moran (2015), vivemos numa sociedade que dita suas políticas e modelos contraditórios entre o ideal e o real, entretanto, não podemos nos acomodar, continuar ofertando uma educação extremamente transmissiva, mas como mudar? De que maneira? Estaremos realmente preparados para o novo?

Quando insistimos em melhorar os processos sem mudar o modelo convencional, ele não nos serve para um mundo que exige pessoas muito mais competentes em lidar com a mudança, com a complexidade, com a convivência em projetos diferentes e com pessoas de culturas e formações diferentes. A escola padronizada, que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é

baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora. [Moran, 2013, p.1].

Para se atuar de forma eficaz no ensino híbrido, precisamos conhecer todos os modelos e escolher aquele que seja adequado para o público alvo, pois

a sala de aula se amplia, dilui, mistura com muitas outras salas e espaços físicos, digitais e virtuais, tornando possível que o mundo seja uma sala de aula, que qualquer lugar seja um lugar de ensinar e de aprender, que em qualquer tempo possamos aprender e ensinar, que todos possam ser aprendizes e mestres, simultaneamente, dependendo da situação, que cada um possa desenvolver seu ambiente pessoal de aprendizagem. [Moran e Bacich 2015, p. 1].

Com a utilização do ensino híbrido, é possível transformar aspectos do processo educacional, retirar a figura do professor como centro do conhecimento e primeira fonte de informação, além de viabilizar ao estudante o protagonismo do seu aprendizado, em que ele assume uma postura mais participativa e coerente com a autonomia estudantil e a ampliação do pensamento crítico, a fim de correlacionar o que está em estudo com as situações da vida real.

Para que o ensino híbrido seja implantado, alguns aspectos devem ser analisados e considerados, como a dinâmica de sala de aula, a formação do professor, além da adequação do currículo e as atividades curriculares. Em *Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? uma introdução à teoria dos híbridos* (2013), Christensen, Horn, e Staker determinam que as propostas de ensino híbrido podem organizar-se na categoria de modelos sustentados, os quais mantêm certa proximidade com o modelo vigente de educação e modelos disruptivos, que rompem com a sala de aula tradicional e seguem diferentes trajetórias. Portanto, esses são menos adotados em nossa realidade devido a necessidade de mudar radicalmente o modelo vigente.

Nos modelos sustentados de ensino híbrido há uma maior proximidade com o ensino tradicional e não é necessário romper com todos os costumes do modelo de ensino que todos conhecem. Os primeiros passos que são dados em direção a uma educação híbrida perpassam pelo que mais se aproxima do modelo atual da maioria das escolas, chamados modelos sustentados, e, dentre esses, os mais adotados são os modelos de rotação.

A rotação permite que os estudantes alternem em momentos de atividades com roteiro fixo ou a critério do professor, podendo incluir leituras, produção textual, discussões em grupos pequenos ou turmas completas, tutoria, trabalhos escritos ou outras formas de apresentação, sempre contendo uma atividade *online*,

No modelo de rotação há possibilidades de submodelos rotacionais:

- o **modelo de Rotação por Estações** - ou o que alguns chamam de Rotação de Turmas ou Rotação em Classe - é aquele no qual os alunos revezam dentro do ambiente de uma sala de aula.
- o **modelo de Laboratório Rotacional** é aquele no qual a rotação ocorre entre a sala de aula e um laboratório de aprendizado para o ensino online.
- o **modelo de Sala de Aula Invertida** é aquele no qual a rotação ocorre entre a prática supervisionada presencial pelo professor (ou trabalhos) na escola e a residência ou outra localidade fora da escola

para aplicação do conteúdo e lições *online*. [Bacich, Tanzi Neto e Trevisani 2015, p. 43].

No modelo de rotação por estações, a sala de aula é dividida em espaços de aprendizado chamados estações, todas relacionadas ao tema principal da aula, em que cada estação o abordará por meio de uma atividade diferente, de acordo com um objetivo específico, sendo que ao menos uma das estações deve conter uma atividade *online*. O professor planeja a quantidade de estações que deseja e atividades individuais ou em grupos que possam ser realizadas mais ou menos no mesmo período de tempo, pois os alunos trocam de estações e até o final da aula espera-se que tenham passado por todas as atividades. As estações precisam ser independentes entre si, mas complementar-se e disponibilizar atividades como vídeos, textos impressos, slides, charges, cartuns, tirinhas, dentre outras.

Assim, como no modelo de rotação por estações, que precisa de um tempo determinado para cada estação, o modelo de laboratório rotacional também o necessita, entretanto, apenas dois espaços, sendo um computacional para a realização das atividades *online* e o outro a sala de aula específica da turma.

A sala de aula invertida é outro modelo de ensino híbrido que prevê uma mudança expressiva, porém progressiva do ensino tradicional centrado no professor e propõe, por meio de metodologias ativas, privilegiar o maior envolvimento dos alunos, possibilitando-lhes o auto crescimento, pois:

O conceito de sala de aula invertida não foi desenvolvido e articulado por Salman Khan, pesquisadores já estudam o método desde 1990, no entanto foi em 2007 que o conceito de sala de aula invertida se popularizou com os professores como Karl Fisch e Jon Bergman/Aaron Sams que começaram a gravar vídeos e criar *Power Points* com voz e animação e disponibilizar na internet para os alunos que faltavam. Neste modelo o professor cria a sua aula em vídeos e/ou outros formatos tais como *podcasts*, *blogs*, utilizando as seguintes ferramentas: *Google Drive*, *Dropbox*, *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, *Slideshare*, *sites*, *Wiki* e os alunos acessam em casa, na hora que desejarem, e quantas vezes quiserem. [SOS Professor 2015].

A sala de aula invertida viabiliza que os alunos definam quando, como e onde eles aprendem com mais facilidade, pois o acesso aos vídeos, aulas interativas e demais materiais torna-se constante. A sala de aula transforma-se num espaço para os alunos trabalharem com situações-problema, coleta de dados e aplicação de conceitos, além de criar oportunidades para cada aluno caminhar em ritmo próprio e se envolver nos grupos colaborativos que mais atendam às suas necessidades.

4. Desafios e possibilidades da personalização do ensino

Considerando o cenário real da formação docente, a estrutura das escolas e o perfil acadêmico dos alunos percebe-se um grande desafio a ser superado a fim de implantar o ensino híbrido em nossas escolas. Como trabalhar com a realidade de algumas escolas brasileiras? Como personalizar o ensino e atender às reais necessidades dos alunos? Teremos profissionais com formação apropriada e com perfil inovador no meio educacional? Algumas mudanças já estão iniciando, como destaca Moran:

As escolas que nos mostram novos caminhos estão mudando o modelo disciplinar por modelos mais centrados em aprender ativamente com problemas, desafios relevantes, jogos, atividades e leituras, combinando tempos individuais e tempos coletivos; projetos pessoais

e projetos de grupo. Isso exige uma mudança de configuração do currículo, da participação dos professores, da organização das atividades didáticas, da organização dos espaços e tempos [Moran 2013, p.2]

Para efetivamente haver mudança, precisa-se começar investindo na formação dos profissionais, pois muitas escolas possuem estrutura para abarcar e utilizar um ensino personalizado, tendo em vista que a maioria das escolas possui espaço físico e alguns equipamentos tecnológicos. Consequentemente, necessitamos de criatividade do professor, crença no potencial dos alunos, não ter medo do novo e aceitar as novas tecnologias digitais como facilitadoras do processo educacional.

A educação híbrida precisa ser pensada no âmbito de modelos curriculares que propõem mudanças, privilegiando a aprendizagem ativa dos alunos — individualmente e em grupo, escolhendo-se fundamentalmente dois caminhos: um mais suave, de mudanças progressivas, e outro mais amplo, de mudanças profundas. No caminho mais suave, elas mantêm o modelo curricular predominante (disciplinar), mas priorizam o envolvimento maior do aluno, com metodologias ativas, como o ensino híbrido [Moran e Bacich 2015, p. 1].

Conforme afirmam os autores acima, as mudanças podem e devem ser progressivas, partindo do modelo existente e priorizando a participação efetiva do aluno, possibilitando-lhe ver os colegas, professores e outros grupos como colaboradores para seu crescimento, pois essas interações concedem um pleno sentido à coparticipação no processo de aprendizagem.

O trabalho colaborativo pode estar aliado ao uso das tecnologias digitais e propiciar momentos de aprendizagem e troca que ultrapassam as barreiras da sala de aula. Aprender com os pares torna-se ainda mais significativo quando há um objetivo comum a ser alcançado pelo grupo.

[Moran e Bacich 2015, p. 1].

Outro aspecto que consideramos como relevante é a postura do professor, que deve ser um motivador ou incentivador da aprendizagem, portando-se como um facilitador desse processo, assim venceremos os desafios e ampliaremos as possibilidades de personalização do ensino. Faz-se necessário um professor apoiador da aprendizagem, curioso e com vontade de aprender sempre, que desafie e estimule a criatividade dos alunos.

Com o ensino híbrido, a escola apoiará o aluno, que terá liberdade de aprender no seu ritmo, num ambiente inovador, democrático e criativo e contribuirá com a formação plena dos sujeitos.

5. Considerações Finais

Com os avanços ocorridos nos últimos tempos, as tecnologias digitais da informação e comunicação apresentam-se como estimuladoras de grandes transformações sociais. Em consequência, esses avanços levam a alterações também para a educação e o ensino híbrido é uma possibilidade que vem despertando crescente interesse. No entanto, constata-se que ainda há um extenso caminho a percorrer, pois faz-se necessário todo um planejamento e mudança de posturas perante os papéis dos envolvidos no processo educacional. Afinal, será que o professor está preparado para tantas mudanças? A

escola está motivada para a mudança? A inserção do ensino híbrido alterará toda uma cultura de metodologias, gestão, práticas docentes, crenças de alunos e professores. Deixa-se de lado a memorização mecânica e atribui-se significado à análise, busca, seleção, compartilhamento, bem como a necessidade de acesso às tecnologias para promover a interatividade, o compartilhamento de experiências e a articulação entre as atividades propostas.

Pode-se encontrar um sistema avesso às inovações necessárias para a implantação do ensino híbrido, mas todas as barreiras são superadas quando o propósito é vencer o descompasso que ocorre entre a educação tradicional e o que exige a vida em sociedade, pessoas proativas, com poder de decisão e senso crítico. Acreditamos que num futuro não muito distante teremos esses ingredientes, possibilitaremos aos estudantes não apenas a aprendizagem e produção de conhecimentos cognitivo e cultural, mas também político, ético e lúdico, como também contribuiremos com a formação de cidadãos ativos, colaborativos e inovadores, protagonistas do seu próprio aprendizado.

Vale destacar que essas são considerações finais, mas que iniciam novos momentos de discussão acerca de tão relevante temática e abrem-se caminhos para outras pesquisas, afinal, as ponderações sobre ensino híbrido permanecerão e tendem a avançar.

Referências

BACICHI, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org). **Ensino Híbrido: personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARRETO, R.G. (Org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

HORN, Michael B. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação [recurso eletrônico]** / Michael B. Horn, Heather Staker; [tradução: Maria Cristina Gularte Monteiro; revisão técnica: Adolfo Tanzi Neto, Lilian Bacich]. – Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, José Manuel. **Novos modelos de sala de aula**. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/modelos_aula.pdf > Acesso em 04/03/2017.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas** . Coleção Mídias Contemporâneas. Convergência Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. P. 15-33. 2015. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em 17/04/2017.

_____. **Educação Híbrida: Um conceito chave para a educação, hoje**. In: Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.

MORAN, José Manuel. BACICH, Lilian. **Aprender e ensinar com foco na educação**

híbrida. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2015/07/hibrida.pdf>. Acesso em 04/03/2017.

SILVA, Marco; CLARO, T. **A docência online e a pedagogia da transmissão.** Boletim Técnico do SENAC, v. 33, p. 81-89, 2007.

SOSPROFESSOR. **Sala de Aula Invertida.** Disponível em <http://www.sosprofessor.com.br/blog/sala-de-aula-invertida/> consulta realizada em 02/03/2017.